

Anexos

1. Textos dos pontos cantados

Constam neste anexo todos os textos dos pontos cantados mencionados no corpo do trabalho, agrupados aqui por categorias. Estão sendo indicados os toques que os acompanham e o número da página onde a transcrição pode ser encontrada.

Ponto Cantado de Caboclo

Caboclo vai 59
Caboclo vem
Caboclo Flecha Dourada é que vem
Caboclo vai
Caboclo vem
Caboclo Flecha Dourada é que vem
Mas ele é o Caboclo da mata
É Flecha Dourada é que vem
Mas ele é o Caboclo da mata
É Flecha Dourada é que vem

Ponto Cantado de Preto-Velho

Vovô não qué 61
Casca de côco no terrero
Vovô não qué
Casca de côco no terrero
Pra não lembrá
Do tempo do cativero
Pra não lembrá
Do tempo do cativero

Samba de Caboclo¹¹³

A mulhé e a galinha 65
São dois bicho interesseiro
A galinha pelo milho
A mulhé pelo dinheiro

Cantigas de Exu¹¹⁴

Ele é um Giramavambo 98
Recompensuê ra ra rá
Recompensuê

Bombongira jamô canguê 100
Ai, ai o re rê
Bombonjira jamô canguê
Ai, ai o re rê
Bombongira cujan cujango

Santo Antônio amarra o negro 130
Lá no caminho
Santo Antônio amarra o negro
Deixa amarrá

Cantiga de Entrada (Caboclo)¹¹⁵

Ele já chegô 101
Ele já chegô
Ele já chego d' Aruanda
Ele já chego ô

¹¹³ Cantiga encontrada no Candomblé de Caboclo (Cf. Garcia, 2001a: 61).

¹¹⁴ Cantigas encontradas no Candomblé de Caboclo (Cf. Garcia, 2001a:63; 1996: 135-136).

¹¹⁵ Cantiga encontrada no Candomblé de Caboclo (Cf. Garcia, 2001a:126; 1996: 157).

Hino da Umbanda¹¹⁶

Refletiu a luz divina 53
Com todo seu esplendor
Vem no reino de Oxalá
Onde há paz e amor
Luz que refletiu na terra
Luz que refletiu no mar
Luz que veio de Aruanda
Para tudo iluminar
A Umbanda é paz e amor
É o mundo cheio de luz
É força que nos dá vida
E a grandeza nos conduz
Avante filhos de fé
Como a nossa lei não há
Levando ao mundo inteiro
A bandeira de Oxalá
Levando ao mundo inteiro
A bandeira de Oxalá

Pontos Cantados na Sessão de Caridade

Trabalhe meu Caboclo 93
Pra Deus lhe ajudá
Desenvolva meu passe
Pra Deus lhe clareá

Ô venha aqui Caboclo 93
Venha aqui n'aldeia
Venha nos ajudá
Venha nos ajuda á

Gira de Escravos

Pontos de Abertura

Toque Congo
Giramavambo agradeço ê ê 97
Agradeço ê ah ah ah ah ah
Agradeço ah
Giramavambo agradeço ê ê
Agradeço ê ah ah ah ah ah
É bom perdoá

¹¹⁶ Este hino pode ser encontrado no endereço eletrônico <<http://www.umbanda.org/pontos.html>>.

O sino da igreja faz belém blem blom 114
O sino da igreja faz belém blem blom
Deu meia noite o galo já cantô
Seu Tranca Rua é o dono da gira
Ô abre a gira que Ogum mandô

Toque Samba

Exu Laroê Exu 164
Exu Laroê Exu
Exu Laroê Exu
Exu Laroê Exu

Pontos de Chamada

Toque Barravento

Qui quá quá quá 165
Cadê meu Pintinho
Que eu não vejo piá
Cadê meu Pintinho
Que eu não vejo piá
Cadê meu Pintinho
Traga ele pra cá

Toque Congo

Abre a porteira Exu 146
Deixe a mulhé passá
Maria Padilha é
A dona do congá

Exu da meia noite 133
Exu da madrugada
Umbanda sem Exu
Sem Exu não vale nada
Exu da meia noite
Exu da madrugada
Umbanda sem Exu
Sem Exu não vale nada
Era meia noite
Eu vi uma sentinela
Era Seu Caveirinha
Que tirá tua cancela

	Toque Samba	
Ele já chego o ou Ele já chegou Ele já chegou da esquina Ele já chego ou		101
Santo Antônio pequenino Amansador de burro brabo Quem mexer com esses escravos Tá mexendo com diabo Rodea, rodea Rodea meu Santo Antônio Rodea Rodea, rodea Rodea meu Santo Antônio Rodea		106

Pontos Individuais de Exus e Pombagiras

	Toque Congo	
Seu Tomba Morro Me cobre com a tua capa Seu Tomba Morro Me cobre com a tua capa A tua capa escapa A tua capa escapa A tua capa é feita de caridade Tua capa cobre tudo Só não cobre a falsidade		150
Comprei uma barraca velha Foi a Cigana que me deu Comprei uma barraca velha Foi a Cigana que me deu U que é meu é da Cigana U que é dela não é meu Amigo preste muita atenção Povo cigano não suporta traição A lealdade é a bandeira da Cigana A falsidade ela não perdoa não		126
Portão di ferro Cadiado di madera Boa noite Exu, Exu Exu Cavera		113

Ninguém pode comigo 112
Eu posso com tudo
Lá na encruzilhada
Ele é Exu Veludo

Corta esse galho Mariano 127
Eu quero ver
Corta esse galho
Pra essa árvore não crescê ê
Eu quero ver
A ciganada d' Aruanda
Trabaiando na Umbanda
Pa Quimbanda não cresce
Eu quero ver
A ciganada d' Aruanda
Trabaiando na Umbanda
Pa Quimbanda não crescê

Ê, tem morador 110
Isso aqui tem morador
Tem morador
Isso aqui tem morador
Na terra que o galo canta
Isso aqui tem morador
Na terra que o galo canta
Isso aqui tem morador

Toque Samba

Beiramar ê ê Beiramar 111
Beiramar ê ê Beiramar
Beiramar beira do rio
Ê ê Beiramar
Beiramar cheguei agora
Ê ê Beiramar
Ô Beiramar
Beiramar ê ê Beiramar
Beiramar ê ê Beiramar
Beiramar beira do rio
Ê ê Beiramar
Beiramar cheguei agora
Ê ê Beiramar

Lá vai Labareda 166
Lá vai Labareda
Lá vai Labareda
Labareda pegou fogo

Arreda home Que lá vem mulé Arreda home Que lá vem mulé Ela é uma Padilha A mulhé de Lucifer Ela é uma Padilha A mulhé de Lucifer	122
Zé Pilintra, Zé Pilintra Boêmio da madrugada Vem da linha das alma E também da incruzilhada	118
Mas eu queria saber Aonde encontrava Essa Cigana de fé Eu queria Eu ia caminhando a pé Para ver se encontrava Minha Cigana de fé Ela parou e leu a minha mão A minha mão E disse a toda verdade Mas eu queria saber Aonde encontrava Essa Cigana de fé	124
Eu te avisei Que você não jogasse Esta cartada comigo Eu te avisei Que você não jogasse Esta cartada comigo Você largou na dama E eu parei no valete Amigo você se engana Neste jogo de copa É o malandro quem ganha Amigo você se engana Neste jogo de copa É o malandro quem ganha	115

Ô Zé 116
 Quando vem lá da lagoa
 Toma cuidado
 Com o balanço da canoa
 Ô Zé
 Quando vem lá da lagoa
 Toma cuidado
 Com o balanço da canoa
 Ô Zé
 Faça tudo o que quize o Zé
 Mas não maltrate
 O coração dessa mulhé
 Ô Zé
 Faça tudo o que quize o Zé
 Mas não maltrate
 O coração dessa mulhé

Sem acompanhamento instrumental

Venha cá meu velho 136
 Venha nos olhar
 Nós tamo precisando
 Do seu amor de Deus

Pontos Coletivos de Exus e Pombagiras

Toque Congo

Eu botei meu pombo na porteira 145
 Na porteira não pousou
 Ele pousou foi na encruzilhada
 Foi Tomba Morro quem mandou
 O ina, ina Mojubá ê
 Ê Mojubá
 O ina, ina Mojubá ê
 Ê Mojubá

Santo Antônio amarra o nego 129
 Lá no caminho
 Santo Antônio amarra o nego
 No pé de côco
 Santo Antônio amarra o nego
 Lá na estrada
 Santo Antônio amarra o nego
 Bem amarrado

É o Tomba Morro 167
 Da encruzilhada
 Sem esse Exu
 Ninguém pode fazer nada

Qui quá quá quá
 Que bela risada
 Que Exu vai dá
 Que bela risada
 Que Exu vai dá
 Que bela risada
 Que é quá quá quá

138

Xô xô xô Tomba Morro
 Não deixa ninguém te pegar
 Tomba Morro
 Xô xô xô Tomba Morro
 Não deixa ninguém te pegar
 Tomba Morro
 Eu te dei um banquete de ouro
 Tomba Morro
 Para ganhar seu tesouro
 Tomba Morro
 Xô xô xô Tomba Morro
 Não deixa ninguém te pegar
 Tomba Morro
 Eu te dei um braço de ferro
 Tomba Morro
 Para ganhar seu tesouro
 Tomba Morro
 Xô xô xô Tomba Morro
 Não deixa ninguém te pegar
 Tomba Morro
 Eu te dei uma corrente de ouro
 Tomba Morro
 Para ganhar seu tesouro
 Tomba Morro
 Xô xô xô Tomba Morro
 Não deixa ninguém te pegar
 Tomba Morro
 Eu te dei um anel de ouro
 Tomba Morro
 Para ganhar seu tesouro
 Tomba Morro
 Xô xô xô Tomba Morro
 Não deixa ninguém te pegar
 Tomba Morro
 O beija flor é um pássaro bonito
 Tomba Morro
 Não deixa ninguém te pegar
 Tomba Morro

193

De vermelho e preto
 Vestindo a noite o mistério traz
 De colar de contas
 Brincos dourados promessa faz
 Você pode ir, você deve ir
 Faça o que qui zé
 Mas cuidado amigo
 Ela é bonita ela é mulhé
 Mas cuidado amigo
 Ela é bonita ela é mulhé
 E no canto da rua
 Ô girando, girando, girando á
 Ela é moça bonita
 Ô girando, girando, girando á
 E no canto da rua
 Ô girando, girando, girando á
 Ela é moça bonita
 Ô girando, girando, girando á
 Ô girando a o lê lê
 Ô girando a o lá lá
 Ô girando a o lê lê
 Ô girando á

Exu que tem duas cabeças
 Mas ele olha
 Sua banda com fé
 Exu que tem duas cabeças
 Mas ele olha
 Sua banda com fé
 Uma é
 Satanás do inferno
 A outra é
 Jesus Nazaré

64

Pombagira que tá que ta
 Olha, olha ê
 Pombagira que tá que ta
 Olha, olha ê
 Pombagira que jambo jambo
 Olha, olha ê
 Pombagira que jambo jambo
 Olha, olha ê
 Pombagira olha os inimigo
 Olha, olha ê
 Pombagira olha os inimigo
 Olha, olha ê
 Pombagira que a mocanguê
 Olha, olha ê

100

Pombagira que a mocanguê
Olha, olha ê
Pombagira olha o seu banquete
Olha, olha ê
Pombagira olha o seu banquete
Olha, olha ê

Pontos de Sotaque

Toque Samba

Mas eu falei abrindo a boca 170
Eu vou falando abrindo a boca
Falei, falei, falei abrindo a boca

A mulhé de Itaparica 170
Bebe água na gamela
Bebo eu e bebo ela
Cachaça na goela dela

Doce é, doce é 168
Um beijinho no coração
Doce é, doce é
Um beijinho no coração
Doce é laranja
Amargo é limão
Doce é laranja
Amargo é limão

Quem não sabe andá 148
Pisa no massapê escorega
Pisa no massapê escorega
Pisa no massapê escorega

Eu vou me amasiá 169
Com a mulé de pouca roupa
Quando a roupa acabá
Jogo fora e pego outra

Quem nunca viu 149
Venha ver
Panela sem fundo
Ferver

Ponto de subida

Encruzilhada já lhe chama
Fé, fé, fé
Encruzilhada lhe chamou
Pé, pé, pé

Toque Congo

151

Ponto de Encerramento

Refletiu a luz divina
Em todo seu esplendor
E no reino de Oxalá
Onde há paz e amor
Luz que refletiu na terra
Luz que refletiu no mar
Luz que vem lá de Aruanda
Para tudo iluminar
Umbanda é paz e amor
É o mundo cheio de luz
É a força que nos dá vida
E a grandeza nos conduz
Avante filhos de fé
Como a nossa lei não há
Levando ao mundo inteiro
A bandeira de Oxalá
Levando ao mundo inteiro
A bandeira de Oxalá
A bandeira de Oxalá
Brilhou, brilhou
A bandeira de Oxalá
Lá no céu já clareou
Clariou na Umbanda
Clariou no mar
Clariou no terreiro
Salve o Pai Oxalá
Clariou na Umbanda
Clariou no mar
Clariou no terreiro
Salve o Pai Oxalá

Toque Congo

51

Samba de Roda

Toque Samba

O moinho da Bahia
Queimou, queimou
Deixa queimar
O moinho da Bahia
Queimou, queimou
Deixa queimar
Sai, sai, sai ô piaba
Saia da lagoa
Sai, sai, sai ô piaba
Saia da lagoa
Bota a mão na cabeça
Outra na cintura
Dá um remelexo no corpo
E dá uma umbigada na outra

174

(Gilberto Gil)

O moinho da Bahia
Queimou, queimou
Deixa queimar
Abre a roda pra sambar
O moinho da Bahia
Queimou, queimou
Deixa queimar
Abre a roda pra sambar

176

2. Ficha, folhetos e apostilas

Constam neste anexo, alguns materiais que ilustram o conteúdo deste trabalho. Um folheto dirigido à *assistência* do *Centro Umbandista Rei de Bizara* que contém as normas de conduta exigidas pela casa. Exemplos de folhetos distribuídos nas cerimônias em homenagem às entidades da direita e algumas apostilas utilizadas nas sessões de desenvolvimento público. Abaixo, encontramos um modelo da ficha utilizada pela Federação Nacional do Culto Afro-Brasileiro (FENACAB) para a fiscalização dos rituais realizados nas casas de culto filiadas.



FEDERAÇÃO NACIONAL DO CULTO AFRO-BRASILEIRO
FUNDADA A 24 DE NOVEMBRO DE 1946

Registro Civil das Pessoas Jurídicas nº 5.718/2000 - CNPJ nº 14.443.014/0001-94
Rua Alfredo Brito, 39 - 1º Andar - Tel.: (71) 3322-0174 / 3481-7167 - Pelourinho
CEP: 40.025-040 - Salvador - Bahia - Brasil

COORDENAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Nº _____

Nome: _____

Resp. P _____ Mat.: _____

Rua: _____ Nº.: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ Estado: _____ Tel.: _____

Dias (s): _____

Confirmação: _____ Dia: _____

Nomes: _____

Vai receber o Cargo no dia: _____

Pelo (a): _____

Nome do (a) laô dia: _____

Nomes: _____

ATENÇÃO:
A FEDERAÇÃO NACIONAL DO CULTO AFRO-BRASILEIRO

Informa que qualquer obrigação sem autorização não terá validade, ou será cobrada uma multa para reconhecimento.

Retirada do Kelê Dia: _____

“ É assegurado na forma do Art, 5º, Párrafo VI da Constituição da República Federativa do Brasil, a Livre Prática do Culto Religioso e proteção aos locais de culto e suas liturgias em todo o território Nacional que não contrarie a ordem pública e os bons costumes.”

Salvador, _____ de _____ de _____

Aos assistentes do Centro Umbandista Rei de Bizara

Pessoas leigas que assistem pela 1ª vez uma festa de orixá fazem sempre perguntas como devem se comportar dentro do salão. Elaboramos este informativo sobre os procedimentos do centro para serem respeitados.

- Como se deve ir vestido a uma festa desta? Não há formalidade. Exige-se um mínimo de compostura. Nada de bermudas ou camisetas. A cor da roupa não deve ser preta, marrom ou roxa (cores escuras). De preferência, BRANCA. Recomendam-se roupas leves (o salão tem pouca ventilação), sandálias, pois as cerimônias costumam durar horas e os assentos, além de não serem confortáveis, nem sempre atendem a demanda de todos os visitantes.
- Os assistentes deverão chegar ao centro até 15:00, pois a partir deste horário a porta estará fechada e os trabalhos serão iniciados.
- Ao chegar no salão deverá dirigir-se ao espaço reservado à assistência (caso tenha dúvida de onde se sentar, solicite auxílio a algum membro da casa)
- Se a festa já estiver começada deve-se entrar logo e procurar um lugar para acomodar-se discretamente, para que a sua chegada retardada não atrapalhe o andamento da festa.
- **Nunca se deve ficar parada na frente da porta de acesso ao salão.** A porta aberta e desimpedida tem muita importância no ritual, pois é o lugar onde passam energias negativas e positivas.
- Desde que a pessoa entrou no salão, deve tomar consciência que está num ambiente místico, onde os que ali se encontram acreditam em seus princípios. Não estão ali para farrear, embora o ambiente seja de alegria e confraternização, e sim, cumprindo as regras do ritual. Se dançam, cantam, entram em transe é porque assim aprenderam em longas e minuciosas obrigações a render o culto a seus orixás, através das danças, dos cânticos e do transe. Portanto, o principal compromisso do espectador é acatar o ritual das cerimônias como respeitar a todos que fazem parte dele.
- Nessas festas, as palmas e os cânticos acompanham uma certa sincronia e hierarquia. Primeiro um filho da casa ou um guia tira o ponto para depois então ser acompanhado por todos. Tenha o cuidado de não cantar junto com o guia nesta hora porque foge ao ritual.
- Outros itens muito simples, mais de educação doméstica, não costumam ser obedecidos: não fumar dentro do salão, não subir nos bancos, não falar em voz alta, não permanecer de chapéu ou boné, não colocar os pés nos bancos ou praticar qualquer tipo de ato ou gesto que são contrários as boas normas de conduta.
- Em certas cerimônias são oferecidas comidas típicas, de acordo com o orixá. São alimentos de preceito, servidas as pessoas do culto e por extensão, num gesto de hospitalidade aos visitantes. Estes, porém, podem recusar o oferecimento que não estará causando nenhum constrangimento ou ofensa à casa.
- Enfim, respeitando essas orientações você sempre será bem-vindo às nossas festas e à nossa casa, o que agradecemos.

Arquétipo de Ogum

O arquétipo de Ogum é o das pessoas violentas, briguentas e impulsivas, incapazes de perdoarem as ofensas de que foram vítimas. Das pessoas que perseguem energeticamente seus objetivos e não se desencorajam facilmente. daquelas que nos momentos difíceis triunfam onde qualquer outro teria abandonado o combate e perdido toda a esperança. Das que possuem humor mutável, passando de fúrios acessos de raiva ao mais tranqüilo dos comportamentos. Finalmente, é o arquétipo das pessoas impetuosas e arrogantes, daquelas que se arriscam a melindrar os outros por uma certa falta de discerção quando lhes prestam serviços, mas que, devido à sinceridade e franqueza de suas intenções, tornam-se difíceis de serem odiadas, briguentos, mas fiéis as suas amizades e compromissos, geralmente se portam como se o andar dentro das leis e ordens fosse o primeiro destaque em suas vidas. Gostam de ambientes festivos, alegres, porém quando irritados tomam-se de um mal-humor e agressividade notória.

Não são muito exigentes na comida, no vestir, nem lampouco da moradia... são amigos, porém estão sempre envolvidos com demandas, são muito desconfiados, despertam sempre interesse nas mulheres, tem seguidos relacionamentos sexuais, mas não são fiéis, possuem uma energia física muito grande, raramente adoecem, seu lema principal é vencer na vida, não importando qual tipo de trabalho ou esforço para conseguir seus ideais.

PERFIL DO ORIXÁ OGUM

Divindade masculina iorubá, figura que se repete em todas as formas mais conhecidas da mitologia universal, OGUM é o arquétipo do guerreiro. Bastante cultuado no Brasil, especialmente por ser associado à luta, a conquista, é a figura do astral que, depois de Exu, está mais próxima dos seres humano. O guerreiro sempre foi a figura mística do deus mais evocada, já que é sua função realizar no astral as guerras que os seres humanos não conseguem travar ou vencer na sua luta cotidiana.

Foi uma das primeiras figuras do candomblé incorporada por outros cultos, notadamente pela umbanda, onde é muito popular. É sincretizado com São Jorge ou com Santo Antonio, tradicionais guerreiros dos mitos católicos, também lundores, destemidos e cheios de iniciativas.

A relação de OGUM como militares (é considerado o protetor de todos os guerreiros), sempre associadas às forças armadas, como da sua figura de comandante supremo iorubá. Dizem as lendas que se alguém, em meio a uma batalha, repetir deterrei nadas palavras (que são do conhecimento apenas dos iniciados), OGUM aparece imediatamente em socorro daquele que o evocou. Porém, elas não podem ser usadas em outras circunstâncias, pois, tendo exilado a fúria por sangue do ORIXÁ, detonaram violento inconsolável: se não encontrarem inibidos diante de si após ter sido evocado, OGUM se lançará contra quem o chamou.

Não se depreenda, porém, dessa identificação militar que o caráter de OGUM se enquadre ao pensamento militarista atual. Se gosta da guerra, odeia hierarquia e receber ordens, não gosta de controlar o comportamento de ninguém. Ao contrário, é um libertário que pouco se prende às convenções. Vamos encontrar um figura que se enquadra a essa estrutura no personagem Montgomery Clift em A um Passo da Eternidade, um soldado que ama o exercício mais odeia seus comandantes e os códigos severo de comportamento.

Reforçando este aspecto, OGUM não era segundo as lendas, figura que se preocupasse com a administração do reino de seu pai, ODUDUA. Apesar de ter sido o eventual substituto do pai em diversas ocasiões, ele não gostava de ficar quieto no palácio; dava voltas sem conseguir ficar parado, arruma romances com todas as moças da região e brigas com seus namorados. E criando assim uma imagem política desmoralizante, acabava sendo enviado para o que mais gostava de fazer: lutar para conquistar outras terras, expandir o território. Não se interessava pelo exercício do poder; já conquistado por maior que fosse a independência a ele garantida nessa função pelo próprio pai, mais sim, pela luta.

Centro Umbandista

Rei de Bizara

Ogum



Ogum, o Guerreiro Vencedor de Demandas

O culto ao Orixá

O orixá Ogum é um dos mais amados na cultura Iorubá. Em primeiro lugar porque ele foi o primeiro ferreiro. Como foi ele, também, quem descobriu a fundição e inventou todas as ferramentas que existem. Portanto é o patrono da tecnologia e da própria cultura, pois sem as ferramentas nada mais poderia ser inventado até mesmo planar em grandes extensões seria extremamente difícil. Tendo inventado as ferramentas, com a foice ele abriu os primeiros caminhos para o resto do mundo, o que dá a ele o poder de abri-los ou fechá-los. Com a foice ele fez o primeiro sacrifício ritual, por isso sempre se louva Ogum durante estes sacrifícios e sua invenção da foice. Com o ancinho ele arrou terras e plantou, com a tesoura cortou pedes e inventou os abrigos. Com o machado cortou árvores para construir abrigos, com o martelo pode unir com pregos que inventou, os troncos. Com a cunha pode levantar grandes pesos e assim aconteceu de Ogum, com a espada que forjou, guerrear e conquistar territórios para seu povo. Ele, no entanto, não quis ser rei, pois preferia os desafios ao poder. Continuou lutando e inventando para sempre.

A guerra é de OGUM, cujo nome significa exatamente guerra. Como OGUM nunca se cansa de lutar, costuma-se chamar por sua ajuda em situações em que é extremamente difícil continuar lutando ou quando o inimigo é extremamente forte. Não se deve invocar OGUM a toa, pois seu gênio é extremamente violento e diz um oriki que ele mata o injusto e o justo, o ladrão e o dono da casa roubada (porque permitiu que acontecesse) portanto não se deve brincar com este orixá, que não perdona.

As oferendas e festas para Ogum costumam realizar-se às terças-feiras, dia a ele consagrado. Todas as danças dos filhos de Ogum quando possuídos, tem marcações marciais de guerra e lutas, sendo comuns os embates entre filhos de Ogum e os de Xangô, velhos-adversários.

Exdutuando-se Exu e oxossi, de quem é irmão, e Oxalá, a quem respeita como patriarca, as relações de Ogum com outros orixás masculinos não são muito boas, o que é lembrado nas festas. Com os orixás femininos o relacionamento é superficial, pois as considera apenas objetos

Foi casado com Iancá que o abandonou para seguir Xangô. Casou-se também com Oxum, mas vive só, batalhando pelas estradas é o abre-caminhos. Ele é o Orixá do ferro; foi o primeiro ferreiro. É o Orixá da civilização e da técnica O elemento fundamental dos aperechos de Ogum é o ferro, lembrando sua condição de ferreiro e metalúrgico. É o Orixá dos maquinistas, motoristas, ferroviários, operários e de todos aqueles que trabalham com máquinas e ferramentas. É o Orixá da virilidade; remove obstáculos, civiliza o mundo

Seus filhos devem abster-se de beber cachaça e de andar armado. Por ser sua possessão muito violenta, pode deixar quem o recebe completamente inconsciente e sem controle de seus atos.

Os filhos de Ogum são briguetos, violentos, impulsivos e não perdoam e não perdoadm as ofensas que foram vítimas. Perseguem energeticamente seus objetivos e em momentos difíceis, triunfam onde qualquer outro teria abandonado o combate e perdido toda esperança. Possui humor mutável, indo dos furiosos acessos de raiva a um tranqüilo

Fonte: Internet

Elaboração: Sérgio Franklin

comportamento. São impetuosos e arrogantes, não se incomodando de melindrar os outros, mas por terem franquezas em suas intenções, e serem sinceros, dificilmente são odiados.

Lendas de Ogum

Ogum foi o segundo filho de Iemanjá e era muito ligado ao irmão mais velho, Exu. Os dois eram muito aventureiros e brincalhões, estavam sempre fazendo estripulias juntos. Quando Exu foi expulso de casa pelos pais, Ogum ficou muito zangado e resolveu acompanhar o irmão. Foi atrás dele e por muito tempo os dois correram mundo juntos. Exu, o mais esperto, resolveu para onde iriam; e Ogum, o mais forte e guerreiro, ia vencendo todas as dificuldades do caminho. E por isso que Ogum sempre surge no culto logo depois de Exu, pois honrar seu irmão preferido é a melhor forma de agradá-lo; e enquanto Exu é o dono das encruzilhadas, Ogum governa a reta dos caminhos.

Ogum nunca deixa um filho seu sem resposta pois um dia, voltando depois de muitos anos para o reino de seu filho, Ogum chegou e pediu algo para comer e beber, mas ninguém respondia nada a Ogum. Perguntou onde estava seu filho o rei daquela aldeia, mas não teve nenhuma resposta. Enfurecido, Ogum sacou de sua espada e começou a matar todos os que estavam a sua volta. Apavoradas as pessoas foram até o rei dizendo que um homem estava na praça matando todas as pessoas. Quando o rei chegou conheceu Ogum e perguntou: "Ogum meu pai, porque o senhor está matando estas pessoas?" e Ogum respondeu: "Meu filho, eu pedi o que comer e beber e ninguém me respondeu, perguntei por você e ninguém me respondeu também." O rei então explicou chorando: "Pai! Hoje é um dia sagrado nesta aldeia e ninguém pode falar nada durante todo o dia." Ogum então desesperado entendeu que havia matado gente inocente, cravou a sua espada no chão e com um grande estrondo desapareceu terra a dentro.

Aspectos Particulares

Elemento: Ferro

Domínios: Guerra/Caminhos

Símbolo: espada

Dia da Semana: terça-feira

Data Comemorativa: 13 de junho

Guia: azul escuro (umbanda); branco, verde e vermelho)

Saudação: Ogumhê!

Sacrifício: Galo e bode

Oferendas: Xinxim e inhame, feijoadá



Centro Umbandista Rei de Bizara

Homenagem aos Pretos Velhos – maio/2005

Atrelado à comemoração da libertação dos escravos no Brasil, no mês de Maio, a maioria dos terreiros de Umbanda saúda essa amada linha de trabalho que tanta Luz derrama em nossas vidas. Ao vê-los arqueados em suas manifestações, sempre simples e humildes mas não por isso servientes, não vemos a grandiosidade de seu campo de atuação: que é vastíssimo enquanto Manifestação Divina. Formada por falanges inteiras de espíritos que de alguma forma estão ligados à Evolução pelos Sentidos, trazem em sua força de trabalho a palavra amiga, o consolo, a tranquilidade característica dos que trabalham pela evolução da humanidade.

Chamada de Linha das Almas por muitos, não deixa de ser verdade. Vemos muitos Vovôs e Vovós que respondem por nomes simbólicos de suas falanges ligadas ao Cruzeiro, por exemplo: Vovó Joana do Cruzeiro... Cruzeiro é um mistério ligado ao Trono da Evolução, Pai Obaluaíyê. Mas também ligado pelo símbolo da cruz ao Trono da Fé, Pai Oxalá... mas isso não impede que haja manifestação de entidades ligadas a outras irradiações. Há ainda dentro da Umbanda a resistência de alguns médiuns quando são intuitidos pelos seus guias, quanto a seus nomes simbólicos de trabalho, senão com certeza teríamos muitos "Pai João da Terra", ou "Pai Joaquim das Águas e porque não Vovó Catarina do Fogo Divino...". Identificam-se pela sua origem africana como do Congo, de Angola, de Guiné, que dizem respeito a sua linha de trabalho e campo de atuação. Marcada pela presença do Negro na Umbanda, de forma nenhuma a religião poderia deixar de homenagear suas origens afro e também a raça que permitiu que muitos espíritos semeadores da nova religião pudessem encarnar no Brasil sem chamar muita atenção.

A primeira manifestação relatada da Linha dos Pretos Velhos, é descrita na história de Pai Zélio de Moraes : no dia em que houve a manifestação do Sr. Caboclo das 7 Encruzilhadas, na casa que em seguida seria batizada de Nossa Sra. da Piedade, nesse mesmo dia houve a manifestação de Pai Antônio. O espírito do ex-escravo ali incorporado parecia sentir-se nada à vontade. Curvado, alquebrado, evitou ficar na mesa ali posta para as reuniões.

"-Nêgo num senta não, sinhô ... Nêgo fica aqui mermo... Isso é coisa de sinhô branco, i nêgo deve arrespeitá. Nêgo fica aqui nu toco, qui é o lugá di nêgo"

Estava firmada ali, a presença do Preto Velho na Umbanda. E esse trejeito humilde, simples, honesto, sem pedir nada em troca, sempre em nome do Pai Criador, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, essa naturalidade cativa dia a dia os filhos de Umbanda e todos aqueles que procuram ajuda nos templos. E se em suas manifestações trazem plasmadas as formas de suas existências como escravos, saibam que essas falanges acolhem muitos e muitos espíritos afins com suas vibrações de Fé, Amor, Conhecimento, Justiça, Lei, Sabedoria e Vida, que não necessariamente foram escravos em suas existências anteriores.

A naturalidade de um Preto Velho é indescritível. É algo que sentimos, e se de coração aberto estivermos para absorvê-la como benção, então durará muito em nosso íntimo. Ao ver um Preto Velho em terra, pitando seu cachimbo, sentado em seu banquinho, não tenha vergonha, ajoelhe-se e peça sua benção. Com certeza ele está ali, em seu banquinho, baixinho perto do chão, para que segurando em nossas mãos clamem ao criador bênçãos de Paz, Saúde, Harmonia, Prosperidade e Fé, muita Fé!

Saravá Senhores e Senhoras das Correntes de Pretos Velhos...

Axé...

Salve as Almas ...

Vossa Benção !!!

Centro Umbandista Rei de Bizara

Umbanda: Uma Religião & Uma Ciência, Um Caminho



Diferenças entre Umbanda versus Candomblé, Macumba, Quimbanda,
Kardecismo: o Surgimento da Umbanda e sua História

Introdução

Acreditamos que somente através do estudo sistemático da história da Umbanda é que poderemos compreender todas as transformações, ou mudanças que ocorreram desde a sua organização pelo médium Zélio de Moraes. Acreditamos também, que somente através da pesquisa histórica minuciosa, livre dos preconceitos é que compreenderemos as várias formas de cultos e ritos existentes atualmente. É voz corrente se ouvir dizer Umbanda Limpa ou Branca, Umbanda Traçada, Umbanda Esotérica, Kardecista, Iniciática, Umbanda de Angola, Umbanda de Jeje, Umbanda de Mina, Umbanda Nagô e outras tantas classificações. Umbanda sendo a única religião criada no Brasil, não pode ser dividida. A nossa religião deve ser tratada com seriedade e estudo, sobretudo com renovação de caráter dos que a professam para que esta possa espelhar a grandeza de sua doutrina.

O Que é a Umbanda

Não é uma ramificação do catolicismo, muito menos do ou espiritismo, ou candomblé. A influência Africana desempenhou papel relevante na formação da Umbanda, da qual se constituiu um dos principais alicerces, dando-lhe, como contribuição primordial, os Orixás. Em sua prática, a Umbanda aproxima-se mais da origem nativa. Na estrutura, porém prevaleceu a influência Africana (nomes, rituais e costumes)

A Umbanda é uma doutrina espiritualista como o Espiritismo, o Catolicismo, o Protestantismo, o Judaísmo, o Esoterismo, etc..., o que não impede de haver entre elas diferenças essenciais que lhes dão características próprias.

A Lei principal da Umbanda é resumida numa só palavra - CARIDADE: no sentido do amor fraterno em benefício dos seus irmãos encarnados, qualquer que seja a cor, raça, o credo e a condição social, não podendo haver ambiciosos, mistificadores, pois estes, mais cedo ou mais tarde, são afastados da Umbanda pelos espíritos de luz.

A origem da palavra Umbanda é oriunda do Sânscrito (a mais antiga língua da Terra _ raiz mestra dos demais idiomas existentes no mundo), que se pode traduzir por "DEUS AO NOSSO LADO" ou "O LADO DE DEUS". Um outro significado é UM _ DEUS (único) e BANDA _ POVO DA TERRA. A Umbanda não invoca os espíritos dos desencarnados sem luz. Na Umbanda são trazidos, e não invocados, os espíritos dos desencarnados, através dos espíritos das Linhas (Caboclos e Pretos Velhos), a fim de conscientizá-los de que deixaram o mundo material, e portanto, deverão deixar de se ligar a tudo que é material.

A Umbanda fundamenta-se nos seguintes princípios: É a crença nos espíritos, dando condição aos mesmos de evoluir, sejam de qualquer classe ou ordem, encarnados (Alma) ou desencarnados (Espírito, propriamente dito).

Em Essência, a Umbanda fundamenta-se nos seguintes pontos básicos:

1. Na existência de Deus Único, Onipotente, Irrepresentável, adorado sob vários nomes (ZÂMBI, Olorum);
2. Na crença de um "Orixá Maior", denominado de Oxalá;
3. Na crença de Entidades Espirituais em Plano Superior _ Os Orixás ou Santos, chefiando falanges;
4. Na crença de Guias Espirituais, mensageiros dos Orixás (Caboclos e Pretos Velhos);
5. Na existência do Espírito, sobrevivendo ao homem, em caminho de evolução, buscando o aperfeiçoamento (Exus);
6. Na crença da Reencarnação e na Lei Cármica de Causa e Efeito;
7. Na prática da Mediunidade, sob as mais variadas apresentações;
8. Na afirmação de que as Religiões constituem diversos caminhos de evolução espiritual, que conduzem a Deus;
9. Na prática da Caridade Material e Espiritual;
10. Na necessidade do Ritual, como elemento disciplinador dos trabalhos;
11. Na crença de que o Homem vive num Campo de Vibrações, que condicionam sua vida para o bem ou para o mal, conforme sua própria tônica vibratória.

Origem e evolução histórica

Em fins do século passado existiam no Rio de Janeiro, várias modalidades de culto que denotavam nitidamente a origem africana, embora já bem distanciados da crença trazida pelos escravos. A magia dos velhos africanos que era transmitida oralmente através de gerações, desvirtuava-se, mesclada com as antigas feitiçarias provindas de Portugal. As macumbas multiplicavam-se; os feitiços e "despachos", visando obter vantagem e prejudicar terceiros aumentavam; a atividade do feitiçeiro tornava-se remunerada; enfim, a prática da magia negativa propagava-se assustadoramente. (É fundamental salientar que apesar de livres, os negros continuavam a serem discriminados e poucos foram os que conseguiram trabalhar dignamente. Desta forma, utilizando-se da magia africana que dominavam, começaram a cobrar por seus préstimos, na tentativa de sobreviver e impor-se socialmente). O Astral Superior, mobilizado com a situação, organizava falanges de trabalhadores espirituais, para atingir de início, as classes humildes, mais sujeitas que estavam às influências das superstições que imperavam na época. Esses trabalhadores que se apresentariam na forma de índios e negros escravos (caboclos e pretos-velhos), não tiveram acesso nas sessões espíritas, por serem considerados espíritos inferiores ou atrasados. Foi então que no início do século, mais precisamente a 15 de Novembro

de 1908, um jovem de 17 anos, Zélio Fernandino de Moraes, através do Caboclo das Sete Encruzilhadas, que nele incorporava pela primeira vez, dava início a uma nova doutrina espiritual, a qual denominou-se UMBANDA. (Zélio fora acometido de doença não detectada pelos médicos e inesperadamente recuperara-se, assim por influência de um amigo, fora levado a Federação Espírita de Niterói, no Rio de Janeiro, na qual participou de uma sessão espírita onde então o CABOCLO manifestou-se). Na sessão, após ter se identificado, anunciou sua missão: Estabelecer as bases do culto, no qual espíritos de índios e escravos viriam cumprir as determinações do Astral, e que no dia seguinte estaria na casa do médium para fundar um Templo. Disse ele: "levarei daqui uma semente e vou plantá-la nas Neves onde ela se transformará em uma árvore frondosa". No dia seguinte, na casa do médium, em Neves, bairro de Niterói, a Entidade manifestou-se, dando passes e fazendo curas às pessoas que misteriosamente apareceram no local. Inicialmente determinou as normas do culto, cuja prática seria denominada "sessão" e se realizaria à noite, das 20 às 22 horas, para atendimento ao público, totalmente gratuito, com passes e recuperação de obsedados. O uniforme a ser usado seria todo branco, de tecido simples e não se permitiria retribuição financeira pelo atendimento ou trabalhos realizados. Os cânticos seriam entoados sem o acompanhamento de atabaques ou palmas ritmadas. Assim, fundou-se o primeiro templo de Umbanda do Brasil, denominado Tenda de Umbanda Nossa Senhora da Piedade. Nesta mesma noite manifestou-se em Zélio o preto-velho Pai Antônio, que iria, a partir daí, completar as curas iniciadas pelo Caboclo. Passados dez anos, o Caboclo das Sete Encruzilhadas anunciou a segunda etapa de sua missão, que seria a fundação de sete templos que deveriam constituir o núcleo central para difusão da Umbanda. Nas reuniões de estudos que se realizariam às quintas, a Entidade preparava os médiuns que iriam dirigir os novos templos. Fundaram-se assim as Tendões: N. S^a da Guia, N. S^a da Conociação, Santa Bárbara, São Pedro, Oxalá, São Jorge e São Jerônimo. Em pouco tempo a Umbanda espalhou-se por todo o país, inclusive no Uruguai, Argentina e Paraguai. Adiante procuramos aprofundar as razões do surgimento da umbanda e as relações com o Africanismo, Catolicismo e Espiritismo.

Razões do Surgimento

Um fato fundamental é expor os antecedentes do Espiritismo no Brasil. O país, por sua própria formação católica, herança do período colonial, onde portugueses e espanhóis impuseram primeiramente aos índios aqui encontrados e, posteriormente, aos escravos importados, seus valores e suas crenças nunca contaram com número muito grande de seguidores de outras crenças e/ou de livres pensadores, por causa da pressão exercida pela igreja católica romana e pela própria sociedade; somente hoje é que há realmente liberdade de crença. Na verdade, indiretamente, quem abriu ao Brasil as portas do espiritismo primeiro e do espiritualismo depois não foi um fato religioso, mas sim um fato econômico, pois os vastos recursos postos à disposição dos senhores do café e da lavoura em geral brasileira levaram os novos ricos a gastarem suas fortunas com visitas aos centros culturais e de lazer da Europa, principalmente Paris, foco das idéias liberalizantes da Revolução Francesa, da declaração dos direitos do homem e libertação dos grilhões da igreja tradicional tomou-se meca de contestadores e livres pensadores permitindo que idéias que haviam até então caladas pudessem aflorar livremente; assim, sem medo de ser taxado de bruxo ou de louco, alguns médiuns e sensitivos puderam passar a procurar respostas as suas dúvidas nas experiências dos irmãos Fox e nas obras de Allan Kardec e no conhecimento da possibilidade de comunicação com os espíritos. Dos estudos preliminares passou-se às sessões de efeitos físicos e posteriormente as comunicações diretas através dos médiuns, e que em princípio eram conhecidos e praticados pela aristocracia, logo se

tornou pedante e preconceituosa; quem em vida não houvesse sido alguém muito rico, conhecido, importante, não deveria se manifestar nas sessões então chamadas de mesas brancas, e quando um médium incorporava um espírito que em vida anterior havia sido escravo, era convidado a retirar-se e se teimava a dar passagem a um tipo escravo o médium era acusado de praticar baixo espiritismo, desprezado e impedido de frequentar a sociedade. Portanto, a Umbanda teve suas razões de surgir no universo das religiões. De um lado os africanos não incorporavam espíritos dos mortos (eguns); de outra parte, os dirigentes kardecistas, por preconceito, não admitiam em suas sessões, a manifestação de espíritos de índios e negros incorporados em seus médiuns. Então se estabeleceu uma lacuna entre os cultos de nações e os cultos de mesa branca, sem a possibilidade daqueles espíritos se manifestarem para atender a reclamos e necessidades da maioria da população dominante nas cidades situadas entre a classe alta e a mais baixa. Como disseminavam as macumbas e feitiçarias, não havia meios de combatê-las; os negros por sobrevivência lhes davam causa e o kardecismo, mais doutrinário, não possuía força para enfrentá-las. Era necessário o advento da Umbanda para preencher a lacuna e dar combate às ligações do mal e amparo aos necessitados marginalizados pela união de quatro troncos principais: os cultos de Nações, o Catolicismo, a Pajelança e o Kardecismo. No primórdio de suas atividades baseava-se na mediunidade pura e mais tarde incorporou-se rituais, objetos e sistemas atendendo solicitações de guias negros e índios para manipulação de magia, que degenerou em alguns aspectos, pelo que analisaremos pontos obscuros adiante, com relação a outros cultos semelhantes.

Relações Religiosas e Doutrinárias.

Segundo o dicionário Aurélio, "religião" é o sistema solidário de crenças e práticas relativas e coisas sagradas que unem em uma mesma comunidade moral todos os que dela aderem". Com base neste conceito podemos considerar a umbanda uma religião, que por sua doutrina caracteriza influências de outros costumes de diversos povos e regiões, deve-se considerar por eclética e essencialmente brasileira. Não representa portanto, uma simples seita africana, como muitos acreditam.

Por isso, devemos distingui-la dos cultos afros, como o Candomblé (Nação, no sul do Brasil) ou outras modalidades do norte do País (Catimbó, Mina, Xangô), ou das Antilhas (Vodu), ou então de sua banda esquerda, a Quimbanda. Esta última não é considerada religião, pois não tem base doutrinária do tipo cristã, muçulmana, judia ou oriental; gira apenas em torno da magia, trabalha com espíritos inferiores, dedicando-se exclusivamente em fazer ou desfazer o mal; seus trabalhos são remunerados e as reuniões para sua execução privada, normalmente após a meia-noite. A Umbanda diferencia-se do Candomblé pelas seguintes características: Candomblé: ritual fixo de uma nação africana, com uso de idioma e costumes da tribo de origem. Uso de vestes coloridas, obedecendo a cor de cada orixá; altar interno, conforme uso africano, sem imagens de santos católicos; sessões privadas, acessadas pelo público só em dias de festas; o processo mediúnico de incorporação apenas dos orixás pelos filhos-de-santo; preparação e desenvolvimento lento e secreto a cada discípulo; complexa hierarquia administrativa e espiritual; uso de sacrifício de animais, pagamento por trabalhos e leitura de búzios. Umbanda: ritual variado de terreiro para terreiro, com uso de idiomas e costumes brasileiros; utilização predominante de vestes brancas; altar (congá) externo, com presença de imagens de santos católicos, caboclos, Pretos-Velhos e sercias; sessões franqueadas ao público com finalidade de cura e auxílio material e espiritual; organização com simples hierarquia material e espiritual; médiuns incorporam todas as categorias de entidades espirituais; desenvolvimento de todos os médiuns integrantes, sem preparação iniciática; só há sacrifícios de animais (aves) em

alguns terreiros que tiveram origem ou influência do candomblé; doutrina de fácil assimilação, bastante e cada vez mais baseada no Espiritismo; proibida qualquer remuneração dos médiuns, sob a lei fundamental de que a mediunidade é dada de graça e gratuitamente deve ser prodigalizada.

Não se torna fácil isolar crença primitiva pura da doutrina espírita. Tudo é energia e essencial é passar por tal evolução. Acima de tudo, a Umbanda é cristã e necessária para o Astral Superior tirar o homem das hostes inferiores.

Resumo histórico e o Sincretismo.

Como vimos nos itens anteriores, a Umbanda nasceu de diversas seitas africanas trazidas ao Brasil durante a escravidão. Ocorre que muitas transformações evoluíram paulatinamente através de etapas, abrandando o novo credo. Lembramos que o Sincretismo é o relacionamento de divindades africanas (os orixás) aos Santos da Igreja Católica, por semelhança de personalidade características de feitos, e meio de atuação.

Em uma primeira fase houve a introdução da escravidão, desordenada e indistinta, reunindo negros de várias regiões da África, cada qual com costumes, idiomas e cultos, enfim, cultura de sua nação, como os nagôs e gegês (sudaneses), congos e angolanos (bantos) e malês (raízes árabes), todos com maior ou menor desenvolvimento. Pela obrigatoriedade de convivência mútua, de tribos distintas e pela necessidade de continuarem seus ofícios religiosos, foram se entrosando, fundindo uma mistura de concepções, rituais e divindades.

A segunda fase constituiu na introdução de novas modificações e acréscimos. Por ocasião das fugas, os escravos buscavam abrigo mais ao interior, juntos às matas e conseqüentemente, próximos aos índios. Deste relacionamento começaram a improvisar para praticar seus rituais, tomando emprestado dos índios o terreiro e os apetrechos, trocando informações e atos mágicos, e da mesclagem, novas alterações surgiram. Os negros evadidos dos quilombos adotavam ritualística específica, de acordo com a improvisação requerida e conforme a tribo predominante, originaram a "banda" que hoje pertence o culto.

Só em uma terceira etapa o Sincretismo sofreu uma influência dos portugueses (ação evangelizadora dos jesuítas católicos nas fazendas), que consideraram, erroneamente, o culto africano, politeísta e bárbaro, cerceando a liberdade religiosa, proibindo os escravos de praticar o culto de seu povo. Coagidos a dissimular e ocultar o próprio credo, os negros ardilosamente usavam o subterfúgio de colocar, nos altares improvisados nos terreiros das senzalas, imagens de santos católicos ocultos, sob as quais escondiam a representação da divindade homenageada. Deste ardil, nasceu a associação de veneração à entidades africanas e católicas; por isso, hoje, como exemplo, sincretiza-se o orixá Ogum, guerreiro da espada e protetor das demandas, a Santo Antonio (na Bahia) e São Jorge (no Rio de Janeiro)

Uma quarta e última fase sobrevieram após a libertação dos escravos. Como se sabe, a maioria das seitas africanas e indígenas tem como característica o culto aos antepassados, fundamentada na reencarnação, por isso foi muito fácil a aceitação do espiritismo que naquela época se difundia. Na mesma época aceitou-se os santos católicos como espíritos superiores, à categoria dos orixás. Foi um período de intensas inovações, incorporados ou subtraídas por uns ou repudiadas por outras, de onde nasceu uma profusão de terreiros, com orientações variadas, resultando invocações calcadas no candomblé, pajelança, catimbó, toré, mina, etc., nos diversos

Estados do Brasil. Por isso permanece na Bahia o Candomblé quase íntegro às origens primitivas (influência dos negros malês e sudaneses) cultuando os Orixás. Já no Rio de Janeiro e Porto Alegre (influência dos negros bantos) separaram-se do Candomblé os que aboliram a iniciação longa e cerimoniosa (movimento lutas de Ogãs), surgindo as “bandas”, que ficaram conhecidas como Umbanda Branca, Umbanda Cruzada, Quimbanda, Nação, etc. Anos após, houve a incorporação de novos Sincretismos com a absorção de procedimentos do Ocultismo Oriental, consolidando o uso de magias esotéricas, banhos e defumações. Tudo isso fez uma nova concepção brasileira que levou à uma nova religião: a Umbanda. O uso da palavra Umbanda como religião, apesar de surgida no início do século, só foi oficializada na década de 30, face promulgação de legislação em 1934, que permitiu atuação livre, apesar de discriminada. Em 1939 foi fundada a Federação Espírita de Umbanda, alterando seu nome em 1947 para União Espiritista de Umbanda no Brasil. A primeira tentativa de unificação do ritual e codificação da doutrina foi no 1º Congresso de 1941, mas não se conseguiu o intento até hoje. Talvez nem mais consiga, pois isso que fez bela, pela liberdade, pois no Astral caminha para a universalização da fé em torno de Jesus.

Fonte: da Matta e Silva,

<http://www.angelfire.com/ab/umbandista/historia.html>

<http://home.ism.com.br/~jordan/Umbanda.html>

Compilado por: Sérgio Franklin

Centro Umbandista Rei de Bizara

Encontro sobre Mediunidade

Tema: A mediunidade como Instrumento de
Progresso do Homem na Terra

Palestrante: Eleyde Lima
Compilado por: Sérgio Franklin
Salvador
16.07.2005

Falando de Mediunidade

Nosso tema é a mediunidade como instrumento de progresso. Significa o início de uma caminhada difícil, mas possível àquele que se determina a seguir rumo ao Cristo. Antes de falarmos de mediunidade, vamos tentar definir o que significa ser médium.

OS MÉDIUNS □

- ✓ **MÉDIUM:** é o intermediário entre o plano físico (ou material) e o plano espiritual. Levando-se em conta os sete tipos principais de Mediunidade, cremos que 80% dos médiuns existentes têm como classificação primordial a **INCORPORAÇÃO**, porquanto este orbe é um planeta presídio e de expiação de faltas cármicas. Os 20% restantes está proporcionalmente distribuído entre os restantes tipos de Mediunidade.

- ✓ Médium é toda pessoa com o dom da incorporação, audição, fala, escrita, visão, voltados ao contato com os espíritos e Orixás.

- ✓ O médium tem como uma de suas missões na vida ser um instrumento nas mãos dos Guias e Orixás. Ele deve ter e seguir, em sua vida, os conceitos de caridade, amor e fé, praticados dentro da Umbanda.

Para muitos é dado a entender que o médium sofre. Ser médium na concepção maior, não é dor e sim provação. Pode-se dizer que a vida de quem é médium 24 horas por dia, 7 dias na semana, realmente não é fácil, mas não chega a ser castigo, como algumas pessoas entendem, e sim, como se pode dar em benefício do próximo, encarnado ou desencarnado.

Mas, existem médiuns que sofrem muito, realmente sofrem muito: por sua própria culpa, porque acham que os Guias devem lhes dar de tudo, ou se envaidecem, ou agem de maneira errada e leviana em suas vidas, ou não levam a sério a vida espiritual, ou por ignorância sentem vergonha da forma como se dá a incorporação e "prendem os Guias". Esses médiuns acabam sendo recriminados pelos seus Guias e Orixás, como alguns dizem: "tomando uma surra".

Existem aqueles médiuns que são como "para-raios" das forças negativas, basta estar uma pessoa muito carregada no terreiro ou passar por perto de alguém que esteja com alguma demanda ou obsessão para começar a passar mal. Mas esses, com o tempo vão aprendendo a se controlar com a ajuda dos Guias e acabam resolvendo o problema.

O médium deve tangir sua vida como um mensageiro de Deus, dos Orixás e Guias. Ter um comportamento moral e profissional dignos, ser honesto e íntegro em suas atitudes. Nos dias de hoje, é difícil ser tudo isso, mas vale a pena e pode ser feito.

As pessoas que são médiuns devem levar sempre a sério suas missões e ter muito amor e dar valor ao que fazem, ter sempre boa vontade nos trabalhos de seu terreiro e na vida do dia a dia.

O médium deve tomar, sempre que necessário, os banhos de descarrego adequados aos seus Orixás e Guias, estar pontualmente no terreiro com sua roupa sempre limpa, conversar sempre com o chefe espiritual do terreiro quando estiver com alguma dúvida, problema espiritual ou material.

"Deve deixar, na medida do possível, seus problemas materiais sempre do lado de fora do terreiro", ou seja, tentar entrar no terreiro com a cabeça mais arejada e limpa, fazendo com que haja uma divisão entre o material e o espiritual, embora eu saiba que deixar os problemas lá fora seja difícil, mas não é impossível.

O médium deve estar sempre atento às obrigações que ele deve fazer, todos os anos, para seu Orixá de cabeça (Orixá que rege sua vida e sua coroa, mente, do médium). Essa obrigação deve ser passada pelo Guia chefe do terreiro ou pela Babá do Centro.

Outra consideração importante com relação à mediunidade, e, ao terreiro, é que o médium deve abster-se de relações sexuais no dia das sessões. Pois isso, além de enfraquecer a energia psíquica, pode levar à falta de concentração e à dispersão no decorrer das sessões.

Fazem parte fundamental do currículo do médium, que entende a sua missão, os seguintes quesitos voluntários:

1. HUMILDADE
2. OBEDIÊNCIA
3. FÉ
4. DESPRENDIMENTO
5. DISCERNIMENTO
6. PROPÓSITO
7. FIM

O Fim é o aprimoramento que o médium procura em todos os outros quesitos, e é vislumbrado quando o Ser percebe que o uso condigno e confiante da Mediunidade tem valia em algo de bem e de bom para alguém. Todo o Ser é um iniciado em potencial, ignorando de início o **Modus Operanti**, utilizando-se do seu Livre Arbítrio, estudando o fenômeno, progredirá de acordo com a intensidade de suas qualidades essenciais.

Por esta razão, nem todos os médiuns têm progresso idêntico. Ser médium é em síntese, ser um pesquisador constante, que inicia por conhecer-se a si próprio, descobrindo e equilibrando suas forças positivas e negativas, para depois então, e só então, partir para o estudo do Universo que o rodeia.

MEDIUNIDADE

Mediunidade é a ação consciente ou inconsciente dos seres encarnados, pois todos da chamada classe dos Racionais e alguns Irracionais possuem este **Dom**.

- ✓ A mediunidade é a capacidade que todos nós temos, em maior ou menor grau e tipos diferentes, de servirmos

de veículo de comunicação entre o plano físico e o plano espiritual.

- ✓ A mediunidade pode ficar latente durante toda a vida e não causar maiores problemas, ou pode "explodir", causando transtornos na saúde, na vida sentimental e na vida profissional.

Devemos esclarecer, entretanto, que não é a mediunidade que causa esses transtornos e sim o comportamento irregular que a pessoa passa a ter, uma vez que fica sem autocontrole, instável emocionalmente, e captando vibrações nem sempre boas, das pessoas com quem convive e dos ambientes que frequenta. Tudo isso contribui para que a pessoa se indisponha com seus entes mais queridos, se indisponha no seu ambiente de trabalho e, muitas vezes, perca a sua boa saúde interior, já que normalmente assumirá um estado mental negativo.

A mediunidade é um dom que precisamos aprender a controlar e que precisa ser disciplinada. A solução é o desenvolvimento mediúnico.

PRINCIPAIS SINTOMAS DA MEDIUNIDADE

a) Sintoma clássico: suor excessivo nas mãos e axilas, principalmente nas mãos. As mãos ficam molhadas, quase geladas. Os pés também podem ficar gelados; as maçãs do rosto muito vermelhas e quentes; as orelhas ardem.

b) Depressão psíquica: a pessoa fica totalmente instável, passando de uma grande alegria para uma profunda tristeza sem motivo aparente. Fica melancólica e sente uma profunda solidão. É como se o mundo todo estivesse voltado contra ela. É facilmente irritável e, nessa fase, ela vai ferir com palavras e gestos aqueles que mais gosta.

c) Alterações no sono: sono profundo ou insônia. A insônia é provocada pela aceleração no cérebro devida à vibração.

Os pensamentos voam de um assunto para outro, incontroláveis, e a pessoa não consegue dormir. O sono profundo é devido à perda de ectoplasma, de força vital. Há um enfraquecimento geral do organismo e as vibrações da pessoa são reduzidas.

d) Perda de equilíbrio e sensação de desmaio: a perda de equilíbrio é uma sensação muito rápida. A pessoa pensa que vai cair e tenta se segurar em alguma coisa, mas a sensação termina antes que ela consiga fazer qualquer gesto. É extremamente desagradável. A sensação de desmaio normalmente ocorre quando a vibração abandona a pessoa bruscamente. Ela fica muito pálida e tem que sentar para não cair. Às vezes ocorre sensação de vômito ou de diarreia. Um copo de água com bastante açúcar e respiração pela narina direita normalmente bastam para contornar essa situação.

e) Taquicardia: comum em algumas pessoas. Há uma súbita alteração no ritmo dos batimentos cardíacos, fruto do aceleração provocado pela vibração atuando.

f) Medos e fobias: a pessoa fica com medo de sair sozinha, de se alimentar, de tomar remédios, pois acha que tudo lhe fará mal. Às vezes tem medo de dormir sozinha ou com a luz apagada. É muito comum, também, uma total insegurança em tudo o que vai fazer.

Todos esses sintomas tendem a desaparecer com a preparação espiritual e o desenvolvimento mediúnico, mas o tempo necessário ao desenvolvimento dependerá muito do grau de mediunidade, do interesse e da preparação espiritual do médium.

Tipos de Mediunidade

A Mediunidade se divide em dois grupos principais e distintos, a saber:

- **Mediunidade Psíquica ou intuitiva**
- **Mediunidade Somática ou mecânica**

MEDIUNIDADE PSÍQUICA OU INTUITIVA: é aquela em que o médium escuta palavras formarem-se no cérebro e as escreve (ou transmite) de livre e espontânea vontade. Como na maioria das vezes, a transmissão é

5

rápida demais. Há neste grupo de mediunidade a possibilidade de que o médium escute uma coisa e transmita outra, ou melhor, dizendo, escuta uma frase completa e dá-lhe sua própria interpretação, porém, na maior parte das vezes, contraria o sentido original do que foi recebido.

MEDIUNIDADE SOMÁTICA OU MECÂNICA: é aquela em que o Espírito domina e utiliza parte do corpo do médium, ou o todo, independentemente e sem possibilidade de interveniência do mesmo.

Em ambos os grupos de Mediunidade acima mencionados, encontram-se os seguintes tipos de mediunidade:

- 1) CLARIVIDÊNCIA
- 2) VIDÊNCIA
- 3) INTUIÇÃO
- 4) PSICOGRAFIA
- 5) AUDIÇÃO
- 6) TRANSPORTE
- 7) DESDOBRAMENTO
- 8) CURADORA
- 9) PASSISTA
- 10) INCORPORAÇÃO (Mediunidade de Prova)

Todos os seres encarnados possuem estes sete tipos de Mediunidade, quer seja só de um grupo ou de ambos, latente à espera de um desenvolvimento (ou aprimoramento), porém tem sempre acentuado em especial, um dos tipos, que será a sua Mediunidade na presente existência.

Exemplo: é passista, curador, porém tem na incorporação o tipo mais intenso, pelo qual se desincubirá dos demais.

CLARIVIDÊNCIA: Clarividência: é o tipo de mediunidade que permite ver fatos que ocorreram no passado e que ocorrerão no futuro. Os clarividentes podem ver os corpos astral e mental de outras pessoas, e tomar conhecimento da vida em outros planos espirituais. É um tipo de mediunidade difícil de ser encontrado.

VIDÊNCIA: é uma mentalização material, inata, podendo ver coisas materiais, passadas em outro local e/ou espirituais, de olhos abertos e de frente. É o tipo de mediunidade que permite, àquele que a possui desenvolvida, ver as entidades, as irradiações. Pode ser de três tipos: direta, intuitiva e focalizada.

Na vidência direta, o médium pode ver as entidades de quatro maneiras diferentes:

1 - na projeção, o médium vê apenas um fecho de luz, uma coloração que depende da vibração atuante. Não vê forma humana, nem identifica a entidade.

2 - na parcial, o médium percebe uma forma humana ao lado de quem está trabalhando espiritualmente, mas ainda não dá uma perfeita

identificação. Vê somente o contorno, a forma.

3 - no acavalamento, o médium vê a entidade por cima dos ombros de outro médium. Já percebe se é masculina ou feminina, se é caboclo ou preto-velho ou outro falangeiro qualquer, se os cabelos são longos ou curtos, etc. Muitos médiuns que tiveram esse tipo de vidência afirmam, por desconhecimento, que as entidades vistas possuíam mais de dois metros de altura, não percebendo que a entidade vista acima dos ombros de outro médium, produziu uma falsa impressão de altura.

4 - no encamisamento, o médium vê a entidade toda, perfeita. Isso acontece na incorporação integral, quando a entidade toma conta do corpo de um outro médium.

Na vidência intuitiva, o médium vê apenas com a mente. Ele se concentra e recebe a imagem mental, por intuição.

Na vidência focalizada, o médium utiliza algum objeto para a vidência, como um copo d'água ou um cristal. As imagens aparecem no objeto de vidência.

Intuição: é uma tipa de mediunidade onde o médium recebe em seu pensamento, sob a forma de uma sugestão, mensagem provinda de um espírito. A intuição nem sempre deve ser seguida, a não ser que o médium consiga identificar a entidade que o está intuindo. Essa identificação, ele aprenderá a fazer no seu desenvolvimento, pois cada entidade produz uma sintonia diferente no organismo.

PSICOGRAFIA: é a faculdade mediúnica de receber vibrações, que os fazem transcrever mensagens espirituais. Tipo de mediunidade muito comum, podendo ser intuitiva, semimecânica ou mecânica. É a capacidade de receber comunicações pela escrita. Na psicografia intuitiva, o médium recebe as mensagens na mente e as passa para o papel. É pura intuição. Na psicografia semimecânica, o médium, à medida que vai escrevendo, vai também tomando conhecimento do que escreve. O espírito atua, simultaneamente, na mente e na mão do médium. Na psicografia mecânica, o espírito atua somente na mão do médium, que escreve sem tomar conhecimento da mensagem recebida. Quando, ao invés de escrever, o espírito utiliza a mão do médium para pintar, esse tipo de mediunidade é chamado de psicopictografia.

AUDIÇÃO: é aquela em que o médium ouve vozes, transmitindo as boas e más notícias. O médium ouve uma voz clara e nítida nos seus ouvidos e dessa forma recebe as mensagens. Na audição, devemos ter o mesmo cuidado que temos na intuição, no que diz respeito à identificação de quem está dando a mensagem.

Transporte: é a capacidade de visitar espiritualmente outros lugares, enquanto o corpo físico permanece repousando tranqüilamente; o espírito se desliga do corpo e vai para o espaço. Esse transporte pode ser voluntário ou involuntário. No transporte voluntário, o médium se predispõe a realizá-lo. Ele se

7

concentra e se projeta espiritualmente a outros lugares, tomando conhecimento do que vê e do que ouve. O transporte involuntário ocorre durante o sono. Todos nós nos desligamos do corpo físico durante o sono e entramos em contato com pessoas e lugares dos quais não nos recordamos ao acordar. Às vezes, recebemos nesses transportes soluções para os nossos problemas que, mais tarde, nos parecerão idéias próprias. A respeito, diz um ditado popular: "Para a solução de um grande problema, nada melhor que uma boa noite de sono".

Desdobramento: é um transporte em que o espírito do médium fica visível à outra pessoa. O corpo físico fica repousando, o espírito do médium se transporta a outro ambiente e, nesse ambiente, torna-se visível.

CURADORA: é a faculdade inata e esclarecedora da cura, através de conselhos, ervas, etc.

PASSISTA: é a capacidade de movimentar vibrações através de passes para equilibrar e fortalecer as forças positivas e diminuir e também equilibrar, as forças negativas.

INCORPORAÇÃO: é a faculdade de entregar o seu corpo à vibração do plano astral, facilitando a comunhão do Espírito Comunicador com as vibrações materiais do seu corpo, para que, através do mesmo, seja dado o socorro, a ajuda, enfim o esclarecimento e tudo necessário aos eternos pedintes que somos. É a mediunidade em que o médium sintoniza a vibração da entidade e essa vibração toma conta de todo o seu corpo. A sintonia é mental e pode produzir uma incorporação parcial ou uma integral.

Na incorporação parcial, o médium fica consciente, isto é, ele sabe que está ali, sente, observa, mas não domina o corpo nem controla o raciocínio. Perde, também a noção de tempo e, embora tenha sido espectador de si mesmo, perde a noção de muita coisa que se passou, ao desincorporar. Na incorporação parcial pode haver uma quebra de sintonia ocasional, o que permitirá ao médium interferir na comunicação. Na incorporação integral, o médium fica totalmente inconsciente, pois há uma perfeita sintonia com a vibração da entidade. Nesse caso, não há possibilidade de interferência e, ao desincorporar, o médium não vai se lembrar de nada do que se passou.

Queremos esclarecer que a incorporação parcial é tão autêntica quanto a integral. O único problema é o médium não interferir, procurando se isolar e deixar que a entidade atue livremente. A esmagadora maioria dos médiuns (mais de 95%) trabalha em incorporação parcial e uma pequeníssima minoria (menos de 5%), em incorporação integral.

Por esta razão, nem todos os médiuns têm progresso idêntico. Ser médium é em síntese, ser um pesquisador constante, que inicia por conhecer-se a si próprio, descobrindo e equilibrando suas forças positivas e negativas, para depois então, e só então, partir para o estudo do Universo que o rodeia.

Pergunta:

Uma vez compreendida a questão da mediunidade como ferramenta de progresso, aqueles que não a utilizam estariam, então, retardando seu progresso? E, qual a responsabilidade da escolha de desenvolver ou não a faculdade mediúnica e suas conseqüências para o progresso pessoal e coletivo?)

A mediunidade é ferramenta de trabalho para o progresso do Espírito encarnado. Como tal ela pode ser aplicada ou não pelo uso do livre-arbítrio de que o Espírito é portador. A aplicação deste dom (mediunidade) terá como conseqüência o uso que lhe for dado, atendendo à Lei de causa e efeito. A responsabilidade é decisão do médium em utilizá-la ou não. As conseqüências serão correspondentes ao bom ou ao mau uso desta. Este resultado poderá atingir somente ao médium ou as pessoas que o cercam. No sentido coletivo, podemos citar Chico Xavier.

Pergunta:

Como se processa a transferência hereditária de alguns tipos de mediunidade? Isso teria alguma relação com o progresso de uma família inteira ou um grupamento espiritual específico utilizando a mediunidade?

Não existe influência genética na questão da mediunidade. Entretanto, poderão reencarnar Espíritos numa mesma família com o compromisso da mediunidade.

Pergunta:

Todos somos médiuns, afirmou Kardec. No entanto, apenas os Espíritos sabem e utilizam esta ferramenta de progresso. Seria um "privilégio" então?

Não, muitos adeptos de outras crenças a utilizam sem saber. O Espiritismo vem apenas explicar os fenômenos mediúnicos e a sua boa aplicação.

Pergunta:

Sabemos que a mediunidade é uma faculdade orgânica que independe do desenvolvimento moral do Espírito. Há médiuns transviados que a usurpam de maneira lamentável. Qual seria o posicionamento moral desses médiuns perante eles mesmos e que tipo de sofrimento experimentam ao desencarnarem?

O dom da mediunidade independe do moral, pois se situa na estrutura orgânica. Entretanto, a sua aplicação, mediunidade-trabalho, terá a qualificação de acordo com o direcionamento que lhe for dado. A finalidade da existência é o progresso espiritual. Chegará a época em que os médiuns que aplicaram mal este dom reconhecerão seu erro.

Pergunta:

Sendo ferramenta de progresso, como ficam os médiuns que são impedidos de a praticarem, por preconceito ou por desconhecimento por parte da família ou da sociedade que os cercam?

Não há impedimento. O Espírito é livre para fazer sua escolha.

Pergunta:

Sabe-se que a mediunidade não é algo recente, mas que acompanha o homem desde o início dos tempos. Embora para nós hoje seja mais nítida a influência da mediunidade, como esse progresso se fazia nos tempos mais remotos por causa da mediunidade? Algum exemplo?

Ao tempo de Moisés e de Samuel, a mediunidade servia principalmente para trazer a idéia de Deus aos homens de então. Podemos entender o progresso no sentido de que o homem da época tomava conhecimento da existência do mundo espiritual.

3. Lista com as músicas do CD

Faixa/p.	Categorias	Pontos Cantados
01. (p. 97) 02. (p. 164) 03. (p. 114)	Pontos de abertura	Agradeço Exu Laroê Exu O sino da igreja
04. (p. 146) 05. (p. 101) 06. (p. 133) 07. (p. 165) 08. (p. 106)	Pontos de chamada	Abre a porteira Exu Ele já chegou Exu da meia noite Pintinho Santo Antônio pequenino
09. (p. 111) 10. (p. 150) 11. (p. 126) 12. (p. 122) 13. (p. 124) 14. (p. 115) 15. (p. 113) 16. (p. 112) 17. (p. 166) 18. (p. 127) 19. (p. 110) 20. (p. 116) 21. (p. 136) 22. (p. 118)	Pontos individuais de Exus e Pombagiras	Beiramar Capa Cigana Ela é uma Padilha Eu queria saber Eu te avisei Exu Caveira Exu Veludo Labareda Mariano Morador Ô Zé Venha cá meu velho Zé Pulintra
23. (p. 120) 24. (p. 64) 25. (p. 100) 26. (p. 145) 27. (p. 138) 28. (p. 129) 29. (p. 167) 30. (p. 193)	Pontos coletivos de Exus e Pombagiras	Ela é bonita Exu de Duas Cabeças Pombagira que tá que tá Porteira Risada Santo Antônio amarra o nego Tomba Morro da encruzilhada Xô Tomba Morro
31. (p. 170) 32. (p. 170) 33. (p. 168) 34. (p. 148) 35. (p. 169) 36. (p. 149)	Pontos de Sotaque	Abrindo a boca A mulher de Itaparica Doce é Massapê Mulher de pouca roupa Panela sem fundo
37. (p. 151)	Pontos de Subida	Encruzilhada já lhe chama
38. (p. 51)	Pontos de Encerramento	Hino da Umbanda
39. (p. 174)	Samba de Roda	O Moinho da Bahia

Bibliografia

Aguiar, Itamar Pereira de

- 1999 “As Religiões Afro-Brasileiras em Vitória da Conquista: Caminhos da Diversidade.” Dissertação submetida ao Programa de Mestrado em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais. São Paulo: Faculdade de Ciências Sociais da PUC/SP.

Almeida, Renato

- 1965 *Manual de Coleta Folclórica*. Rio de Janeiro: Olímpica.

Andrade, Mário de

- 1963 *Música de Feitiçaria no Brasil*. Organização, introdução e notas de Oneyda Alvarenga. São Paulo: Livraria Martins.

Arhapiagha, Yamunisiddha

- 1997 *Lições Básicas de Umbanda*. 3ª ed. São Paulo: Ícone.

- Arom, Simha
1985 *Polyphonies et Polyrythmies Instrumentales d' Afrique Centrale: Structure et Méthodologie*. Paris: SELAF.
- Assis, Cláudia
s/d “As Raizes da Umbanda.” Disponível em <<http://www.nwm.com.br/umbanda/religião.htm>>. Acesso em 26 out. 2002.
- BAHIA, Constituição
1989 *Constituição do Estado da Bahia*. Salvador, BA: Assembléia Legislativa do Estado da Bahia.
- Barbosa, Luiz Sergio
1984 “A Federação Baiana do Culto Afro-Brasileiro.” In *Encontro de Nações-de-Candomblé, Salvador 1.6.81 a 5.6.81*. [Promovido pelo Centro de Estudos Afro-Orientais]. Série Estudos/Documentos 10. Salvador: Edições Ianamá e Centro Editorial e Didático da UFBA. Pp. 69-72.
- Bastide, Roger
1971 *As Religiões Africanas no Brasil: Contribuição a uma Sociologia das Interpretações de Civilizações*. Tradução de Maria Eloísa Capellato e Olívia Krähenbühl. São Paulo: Livraria Pioneira.
- Béhague, Gerard
1992 “Fundamento Sócio-Cultural da Criação Musical.” *Art* 19 (ago.): 5-17.
1986 “Musical Change: A Case Study from South América.” *The World of Music* 28/1: 16-28.

- 1976 “Correntes Regionais e Nacionais na Música do Candomblé Baiano.” *Afro-Ásia* 12 (jun.): 129-136.
- Birman, Patrícia
- 1985 *Fazendo Estilo Criando Gêneros: Estudo sobre a Construção Religiosa da Possessão e da Diferença de Gêneros em Terreiros de Umbanda e Candomblé no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: EDUERJ.
- 1983 *O Que é Umbanda*. Rio de Janeiro: Brasiliense.
- Blacking, John
- 1986 “Identifying Processes of Musical Change.” *The World of Music* 28/1: 3-15.
- 1974 *How musical is Man?* 2^a ed. Washington: University of Washington Press.
- Braga, Julio
- 1995 *Na Gamela do Feitiço: Repressão e Resistência nos Candomblés da Bahia*. Salvador: EDUFBA.
- BRASIL, Constituição
- 1988 *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado.
- Cacciatore, Olga Gudolle
- 1988 *Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros: Com a Indicação da Origem das Palavras*. 3^a ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Cantarino, Carolina

- 2006 “Variedade e riqueza dos sons brasileiros ajudam a ampliar a noção de patrimônio.” *Revista Ciência e Cultura* 58/1 (jan.-mar.): 7-9. Disponível em <<http://cienciaeculturabvs.br/pdf/cvc/v58n1/a04v58n1.pdf>>. Acesso em 22 nov. 2005.

Canzio, Ricardo

- 1991 “Perseguindo o fogo fátuo de uma certeza interpretativa?” *Art 18* (ago.): 143-149.

Carneiro, Edison

- 2002 *Candomblés da Bahia*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- 1991 *Religiões Negras: Notas de Etnografia Religiosa. Negros Bantos: Notas de Etnografia Religiosa e de Folclore*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Cascudo, Câmara

- 2000 *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 9ª ed. rev. atual. e ilustr. s.v. “baiana”: 125-126; s.v. “samba”: 798-799; s.v. “umbanda”: 889-891; s.v. “umbigada” 891- 893”. São Paulo: Global.

Concone, Maria Helena Villas Boas

- 2001 “Caboclos e Pretos-Velhos da Umbanda.” In *Encantaria Brasileira: O Livro dos Mestres, Caboclos e Encantados*. Rio de Janeiro: Pallas. Pp. 281-303.

Decelso

- [1985] *Umbanda de Caboclos*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Eco.

Durkheim, Émile

1989 *As Formas Elementares de Vida Religiosa: O Sistema Totêmico na Austrália*. Tradução de Joaquim Pereira Neto. Revisão de José Joaquim Sobral. São Paulo: Paulinas.

Eliade, Mircea

1989 *Origens: História e Sentido na Religião*. Tradução de Teresa Louro Perez. Lisboa: Edições 70.

Felix, Cândido Emanuel

1965 *A Cartilha da Umbanda*. Rio de Janeiro: Eco.

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda

2004 *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0*. Direção geral de Hélio Bruck Rotemberg. Curitiba: Editora Positivo. CD-ROM.

Fonseca, Eduardo

1999 *Candomblé: A Dança da Vida. Um Estudo Antropológico sobre Afiliação às Religiões Afro-Brasileiras*. Recife: Massangana.

Fontenelle, Aluizio

1966 *Exu*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Espiritualista.

1953 *A Umbanda através dos séculos*. Rio de Janeiro: Organizações Simões.

Garcia, Sonia Maria Chada

2006 *A Música dos Caboclos nos Candomblés Baianos*. Série Fundação Gregório de Mattos. Salvador: EDUFBA/Fundação Gregório de Mattos.

- 2004 “A Cantiga de Sotaque no Candomblé de Caboclo.” In *Anais do II Encontro Nacional da ABET: Etnomusicologia: Lugares e Caminhos, Fronteiras e Diálogos*. Salvador: ABET. CD-ROM. Pp. 9-17.
- 2001a “Um Repertório Musical de Caboclos no Seio do Culto aos Orixás, em Salvador da Bahia.” Tese submetida ao Programa de Doutorado em Música da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Música. Salvador: Escola de Música da UFBA.
- 2001b “Um Repertório Musical de Caboclos no Seio do Culto aos Orixás, em Salvador da Bahia.” *Ictus* 3 (dez.): 109-124.
- 1996 “A Música dos Caboclos: O Ilê Axé Dele Omí.” Dissertação submetida ao Programa de Mestrado em Música da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial à obtenção do Grau de Mestre em Música. Salvador: Escola de Música da UFBA.
- Geertz, Clifford
- 1989 *A Interpretação das Culturas*. [Tradução de Fanny Wrobel. Revisão técnica de Gilberto Velho]. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Guimarães, Wamy
- 1997 “Umbanda e Omoloko – M. Gerais.” In *Nossos Ancestrais e o Terreiro*. Salvador: EGBA. Pp. 101-106.

Hobsbawn, Eric e Ranger, Terence (Organizadores)

1997 *A Invenção das Tradições*. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. 2ªed. Coleção Pensamento Crítico 55. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Hornbostel, Erich M. von e Sachs, Curt

1961 “Classification of Musical Instruments.” *Galpin Society Journal* 14: 3-29.

Isaia, Artur Cesar

s/d “O Elogio ao Progresso na Obra dos Intelectuais de Umbanda.” Disponível em <http://www.geocities.com/ail_br/oelogioaoprogressonaobra.htm>. Acesso em 15 ago. 2005.

Jensen, Tina Gudrun

2001 “Discursos sobre as religiões afro-brasileiras: da desafricanização para a reafricanização.” Tradução de Maria Filomena Mecabô. *Revista de Estudos da Religião – REVER* 1 (jan.): 1-21. Disponível em <http://www.pucsp.br/rever/rv012001/p_jensen.pdf>. Acesso em 11 ago. 2005.

Kardec, Allan

1996 *O Evangelho Segundo o Espiritismo: com a explicação das Máximas Morais do Cristo em concordância com o Espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida*. Tradução de Guillon Ribeiro. 112ª ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira.

Kubik, Gerhard

1979 *The Performing Arts: Music and Dance*. The Hague: Mouton Publishers.

Lopes, Helena Theodoro

1997 “Religiões negras de origem banto, particularmente a Umbanda, no Rio de Janeiro.” In *Nossos Ancestrais e o Terreiro*. Salvador: EGBA. Pp. 59-69.

Lopes, Nei

2003 *Novo Dicionário Banto do Brasil: Contendo mais de 250 Propostas Etimológicas Acolhidas pelo Dicionário Houaiss*. Rio de Janeiro: Pallas.

Lühning, Ângela

1995 “Acabe com este Santo, Pedrito vem aí... Mito e Realidade da Perseguição Policial ao Candomblé Baiano entre 1920 e 1942.” *Revista USP* 28 (dez.-fev.): 194-220.

1990 “Música: Coração do Candomblé.” *Revista USP* 7 (set.-nov.): 115-124.

Magnani, José Guilherme C.

1986 *Umbanda*. Série Princípios. São Paulo: Ática.

Marcondes, Marcos Antônio (Organizador)

1998 *Enciclopédia da Música Brasileira: Erudita, Folclórica e Popular*. s. v. “samba”: 704-705. 2ª ed. rev. ampl. São Paulo: Art Editora.

Merriam, Alan P.

1964 *The Anthropology of Music*. Evanston: Northwestern University Press.

Montero, Paula

1985 *Da Doença à Desordem: A Magia da Umbanda*. Rio de Janeiro: Edições Graal.

Napolitano, Marcos e Wasserman, Maria Clara

2000 “Desde que o samba é samba: a questão das origens no debate historiográfico sobre a música popular brasileira.” *Revista Brasileira de História*. 20/39: 167-189. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v20n39/2985.pdf>>. Acesso em 17 mar. 2006.

Nascimento, Adriano Roberto Afonso do; Souza, Lídio de e Trindade, Zeidi Araújo

2001 “Exus e Pombagiras: o masculino e o feminino nos pontos cantados da Umbanda.” *Psicologia em Estudo* 6/2 (jul.-dez.): 107-113. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v6n2/v6n2a15.pdf>>. Acesso em 02 jun. 2006.

Nascimento, Andréa

2004 “Salve Pai Pedra Preta: uma contribuição singela à trajetória do Baba Iorixá Joãozinho da Goméa.” *Mneme- Revista Virtual de Humanidades* 11/5 (jul.-set.): 1-54. Disponível em <<http://www.seol.com.br/mneme/ed11/103.pdf>>. Acesso em 23 set. 2005.

Negrão, Lísias Nogueira

1996a *Entre a Cruz e a Encruzilhada: Formação do Campo Umbandista em São Paulo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo [Edusp].

1996b “Magia e Religião na Umbanda.” *Revista USP* 31 (set.-nov.): 76-89.

Nettl, Bruno

- 2005 *The Study of Ethnomusicology: Thirty-one Issues and Concepts.* Urbana, Illinois: University of Illinois Press.
- 1998 “Musical Thinking and Thinking about Music in Ethnomusicology: An Essay of Personal Interpretation.” In *Musical Worlds: New Directions in the Philosophy of Music*. Editado por Philip Alperson. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press. Pp. 171-180.
- 1983 *The Study of Ethnomusicology: Twenty-nine Issues and Concepts.* Urbana, Illinois: University of Illinois Press.

Nketia, Joseph H. Kwabena

- 1974 *The Music of Africa.* New York: W. W. Norton.

Oro, Ari

- 2002 “Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul: Passado e Presente.” *Estudos Afro-Asiáticos* 24/2: 345-384.

Ortiz, Renato

- 1999 *A Morte Branca do Feiticeiro Negro: Umbanda e Sociedade Brasileira.* São Paulo: Brasiliense.

Pinto, Tiago de Oliveira

- 1991 “Making Ritual Drama: Dance, Music, and Representation in Brazilian Candomblé and Umbanda.” *World of Music*. 33/1: 70-88.

Povoas, Ruy do Carmo

- 1989 *A Linguagem do Candomblé: Níveis Sociolinguísticos de Integração Afro-Portuguesa.* Rio de Janeiro: José Olímpio.

Prandi, Reginaldo

- s/d “A Dança dos Caboclos: uma síntese do Brasil segundo os terreiros afro-brasileiros.” Disponível em <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/prandi/dancacab.htm>>. Acesso em 04 nov. 2005.
- 2004 “O Brasil com Axé: Candomblé e Umbanda no Mercado Religioso.” *Estudos Avançados* 18/52: 51-66. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a15v1852.pdf>> Acesso em 15 jan. 2006.
- 2001 “Exu, de Mensageiro a Diabo: Sincretismo Católico e Demonização do Orixá Exu.” *Revista USP* 50: 46-65.
- 2000 “De Africano a Afro-Brasileiro: Etnia, Identidade, Religião.” *Revista USP* 46: 52-65.
- 1996 *Herdeiras do Axé: Sociologia das Religiões Afro-Brasileiras*. São Paulo: Hucitec.
- 1995 “As Religiões Negras do Brasil: Para uma Sociologia dos Cultos Afro-Brasileiros.” *Revista USP* 28: 64-83.
- 1991 *Os Candomblés de São Paulo: A Velha Magia na Metrópole Nova*. São Paulo: Hucitec e Edusp.

Querino, Manuel Raimundo

- 1938 *Costumes Africanos no Brasil*. Prefácio e notas de Artur Ramos. Biblioteca de Divulgação Científica 15. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Ramos, Artur de Araújo Pereira

- 1988 *O Negro Brasileiro*. 2ª ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco.

Rivas Neto, F.

1991 *Lições Básicas de Umbanda*. São Paulo: Livraria Freitas Bastos.

1989 *Umbanda: A Proto-Síntese Cósmica*. 3ª ed. São Paulo: Ícone.

Rodrigues, Nina

1988 *Os Africanos no Brasil*. 7ª ed. São Paulo: Nacional.

Rosa, Laila Andresa Cavalcante

2005 “Epahei Iansã! Música e Resistência na Nação Xambá: uma história de mulheres.” Dissertação submetida ao Programa de Mestrado em Música da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial à obtenção do Grau de Mestre em Música. Salvador: Escola de Música da UFBA.

Sá Júnior, Mário Teixeira de

2004 “A Invenção da Alva Nação Umbandista: a relação entre a produção historiográfica brasileira e a sua influência na produção dos intelectuais da Umbanda (1940-1960).” Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, como requisito parcial à obtenção do Grau de Mestre em História. Dourados: Campus de Dourados.

Salles, Nívio Ramos

1991 *Rituais Negros e Caboclos: da Origem, da Crença e da Prática do Candomblé, Pajelança, Catimbó, Toré, Umbanda, Jurema e outros*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Pallas.

Santana, Esmeraldo Emetério de

- 1984 “Nação-Angola.” In *Encontro de Nações-de-Candomblé, Salvador 1.6.81 a 5.6.81*. [Promovido pelo Centro de Estudos Afro-Orientais]. Série Estudos/Documentos 10. Salvador: Edições Ianamá e Centro Editorial e Didático da UFBA. Pp. 35-43.

Seeger, Anthony

- 1992 “Ethnography of Music.” In *Ethnomusicology: An Introduction*. The New Grove Handbooks in Musicology. Editado por Helen Myers. New York: W. W. Norton. Pp. 88-109.
- 1986 “Novos Horizontes na Classificação dos Instrumentos Musicais.” In *Suma Etnológica Brasileira*. Petrópolis: Vozes. Pp. 173-179.

Senna, Ronaldo de Salles

- 1973 “Garimpo e Religião na Chapada Diamantina: um estudo do Jarê, variante regional do sincretismo Candomblé de Caboclo-Umbanda.” Dissertação submetida ao Programa de Mestrado em Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial à obtenção do Grau de Mestre em Ciências Sociais. Salvador: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA.

Serra, Ordep

- 2001 “No Caminho de Aruanda: A Umbanda Candanga Revisitada.” *Afro-Ásia* 25-26: 215-256.
- 1988 *Dois Estudos Afro-Brasileiros*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA.

Silva, Vagner Gonçalves da

1995 *Orixás da Metrópole*. Petrópolis: Vozes.

1994 *Candomblé e Umbanda: Caminhos da Devo o Brasileira*. São Paulo:  tica.

Silva, W. W. da Matta e

1999 *Li es de Umbanda e Quimbanda na Palavra de um Preto-Velho*. Rio de Janeiro: Espiritualista.

1997 *A Umbanda de todos nós*. São Paulo: Ícone.

1969 *Umbanda do Brasil*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos.

Souza, André Ricardo de

2001 “Baianos, Novos Personagens Afro-Brasileiros”. In *Encantaria Brasileira: O Livro dos Mestres, Caboclos e Encantados*. Rio de Janeiro: Pallas. Pp. 304-317.

Spradley, James P. e McCurdy, David W.

1989 *Anthropology: The Cultural Perspective*. 2^a ed. Illinois: Waveland Press.

Teixeira Jr., José Carlos

2004 “Compondo um Consenso: unidade e distin o no universo sonoro da Umbanda.” In *Anais do II Encontro Nacional da ABET: Etnomusicologia: Lugares e Caminhos, Fronteiras e Diálogos*. Salvador: ABET. CD-ROM. Pp. 433-444.

Travassos, Elizabeth

1989 “Melodias para a improvisa o poética no nordeste: as toadas de sextilhas segundo a aprecia o dos cantadores.” *Revista Brasileira de Música* 18: 115-129.

3000 Pontos Riscados e Cantados na Umbanda e no Candomblé

1978 *3000 Pontos Riscados e Cantados na Umbanda e no Candomblé: 1500 pontos cantados 1500 pontos riscados e diversos pontos de boiadeiro*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Eco.

UNESCO

2005 “Samba de Roda baiano é proclamado Patrimônio da Humanidade pela UNESCO.” Disponível em <http://www.unesco.org.br/noticias/ultimas/sambaderoda/noticias_view>. Acesso em 17 mar. 2006.

Vatin, Xavier

2001 “Música e Transe na Bahia: as nações de candomblé abordadas numa perspectiva comparativa.” *Ictus* 3 (dez.): 7-17.

Veiga, Manuel

1991 “Transmissão e Geração (Do Conhecimento Musical).” *Art* 18 (ago.): 73-82.

Viana Filho, Luis

1988 *O negro na Bahia: Um ensaio clássico sobre a escravidão*. Prefácio de Gilberto Freyre. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Vianna, Hildegardes

2006 “Sambas de Roda.” *Revista Jangada Brasil* 87 (fev.). Disponível em <<http://jangadabrasil.com.br/revista/fevereiro87/fe87002a.asp>>. Acesso em 02 abr. 2006.

Vogel, Arno; Mello, Marco Antônio da Silva e Barros, José Flávio Pessoa de Barros

2001 *Galinha D’ Angola: Iniciação e Identidade na Cultura Afro-Brasileira*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Pallas.